

Aefarrabios

FANZINE Ano 0 - junho 2017 - Nº III



{ Andreia Evangelista/Maltrapilha Boicote



TOMAI E BEBEI

Ficam satisfazendo egos. Construindo uma verdade crível para muitos...
cato os restos das crenças dos mentirosos dos quatro cantos da matrix.
Os campos mentais tomados para bloquear os desenganos. Eco. Oco.
Eco de uma nova ordem espiritual-mental. O antiamor.

Tampouco precisamos validar a fala de uma ex-dopada e fanática a qualquer crença que explique o martírio de presenciar a Terra nesse momento de queda. Arrependida e nada Madalena de seus anos de dormência e alcoolismo. Alprazolam + 51 (não foi uma boa ideia) de uma tentativa de sumiço esfumaçando nicóticos pensamentos de fim. Morre agora em algum lugar uma fêmea com a buceta aberta, penetrada e rasgada enquanto você ri. Mas é mesmo muito maltrapilhante esse papo infame de morte aqui e ali.

Lembro dos meus muitos pedidos de atenção em vão. Ninguém quer saber disso não!

Fale daquele frasco de indecência que paira nas cordas dos amarres.

Pois bem.

Falemos do que não interessa: Acordo marcada, queimada da corda, dolorida, poderosa. O autocontrole é o novo preto! Na cama do filho do laranja do Cabral. Lembro que ele queria me suspender no quinto andar da mansão. Com os pés para o Cristo. Relembro dele pedindo: reza pra mim!

Fazíamos os amantes sagrados, os guardiões do cálice que transborda sagração. Rezava com veemência. Pai nosso que estas no céu...

- Onde que ele está?

- No céu.

- No céu ou aqui?

Me invadia com força, seus dedos na minha boca. E não parava de pedir: Reza pra mim!

... Venha nós o vosso reino, seja feita a vossa vontade...

- Aqui está a minha vontade

Puxava as cordas me suspendendo pelas pernas.

- Você sim é uma mulher de fé

Me lambia dos pés até a testa como quem tem selos a grudar. Me suspendia pelos cabelos até encontrar a minha boca e me dava de comer.

-Esse é o meu corpo, tomai e comei.

Me alimentava com gosto de ver a boca aberta, o corpo babado com fé cega. Movimentos afoitos e o som de quem jorra o fluxo dos ILUMINADOS.

-Esse é o meu sangue vertido por ti. Tomai e bebei.





TIO DA KOMBI

Nem o tio da kombi, que me pegava primeiro e me deixava por últimos, e me levava para a rua sem saída do Externato Lopez fez tanto estrago quanto o medo de não ir para o céu.



CHÁ DE CALCINHA

Patenteando a revelação!

A avaliação do psiquiatra não conta o conto que virá.

Ninguém precisa saber quem é. nem o que quer. Loucura maior é matar a magia dessa insatisfação aturdida que te levanta de madrugada e te faz vagar pelas vias.

Nem camisa de força. Nem cinto de castidade. Meus buracos precisam de vento de verão a verão.

Meu sonho é vender chá de calcinha das mulheres que amam com veemência. Esse chá milagroso, abre caminhos, e arruaça cabeça. Trabalho com desorganização. Descubro desejos. Invento necessidades. Dou alívio a quem quer pão. Me escondo na boca do cão...

Na noite em que beberes do chá terás uma grande revelação. Para tal use três gotas sublinguais. Durma unguida do leite derramado do amor do bem-amado. Use calcinha de algodão. Se for homem cueca não. O chá de calcinha das mulheres que gozam com encarniçamento tem efeito mais forte. Tem também colaterais...

Quem dele bebe acorda as 3:00 da manhã desejando saber mais. As entidades criadoras da mãe Terra te entregarão o caminho do santíssimo sem cobrar percentuais...

Nem tarja preta, nem remédio para a enxaqueca. Pois atrapalham os rituais. Dizem que resseca os fluidos do caminho da salvação. Sabendo disso, tomem não.

Para maiores informações chame in box, tenho zap e fixo. Cada conselho são 300,00. Com o chá cobro bem mais.



Poeta, ensaísta, romancista, compositor e cantor de samba, jazz e blues.
Parceiro e biógrafo de Delcio Carvalho.

Autor de
Poemas Malditos,
Poemas do Rasgo da Hora,
Poemas em Riste,
Poemas em Cortes Profundos e
Poemas da Morte Presumida



DAS CATÁSTROFES - NA DIREÇÃO DE UMA ESTÉTICA DO CAOS E ESGOTAMENTO DE UM SISTEMA.

A questão que aponta para a interação do homem com o meio ambiente pode ser concebida a partir de algumas situações nodais.

Uma delas diz respeito à crescente destruição sistemática, sem dúvida uma característica definitivamente humana, que nutre esta tendência para o mal.

A inocência moderna se vale de uma perspectiva histórica na qual os seres humanos tiveram que desenvolver recursos para se adaptarem ao local por eles habitado.

O problema é que tal adaptação se dava na base da violência e apropriação de recursos que por sua vez foram dizimados e transformados em bens para os referidos.

Para tal desenvolveram materiais de caça, aquecimento e culinária através do uso do fogo destruindo espaços variados e matando animais por mera questão de sobrevivência.

Tal extermínio lento e gradual do que estava ao redor apenas corrobora o instinto essencialmente predatório da espécie.

Não há neste sentido naturalidade alguma neste fenômeno. Exaurimos o solo e devastamos a flora e fauna desde que o mundo é mundo.

Não se trata de purificar o sentido mesmo da noção de humanidade na medida em que sempre fomos definitivamente vis, aprisionados sob a égide de uma espécie superior cujos efeitos calamitosos de tal existência são minimizados por tratados filosóficos, sociológicos e antropológicos que não dispensam tanta atenção a esta faceta cruel do que chamamos de civilização.

Temos que destruir para construir e isto significa eliminar para fazer nascer algo no lugar. Esta é a tônica quer queiramos ou não.

Criamos discursos eufemísticos sugerindo que tal processo é inevitável, haja vista o fato de que temos que nos perpetuar e isto significa se valer do que está à nossa volta. O sistema precisa ser alimentado, mas não podemos perder de vista a constatação de que isto implica eliminação e incorporação de novos elementos para que a constância do fluxo seja garantida.

Mesmo a noção de sustentabilidade implica seleção de determinados elementos que deverão ser adicionados e substituídos por outros quando da reconfiguração do sistema.

Escravizamos animais e homens e o que se entende por natureza desde as mais remotas eras.

Sentimos necessidade de matar para comer carne, a gordura apetitosa, a textura que sempre encantou nosso paladar. Um solo fértil bem nos serviria por algum tempo neste espírito nômade pronto para esgotar o mesmo até quando não mais satisfizesse a necessidade do grupo.

A força motriz foi e sempre será este instinto de preservação, esta vontade incontrolável de estar aqui.

Ora, destruição, aniquilação e esgotamento, entre outros aspectos, sempre permearam a vida dos seres humanos, raça superior dotada de inteligência e fundamentalmente tomada pela noção de

poder, de sobrepujar o outro em proveito próprio.

Portanto sou levado a acreditar que a interação do homem com a natureza ou com o meio ambiente remete a um movimento que não é e nunca será baseado em parâmetros harmônicos e coisas afins, mas sim em poder, na submissão da mesma aos anseios deste animal racional.

Esclareço ainda que as filosofias da natureza, especialmente as orientais, não devem ser incluídas neste meio, pois pelo menos nestas observamos uma relação eminentemente mental e saudável entre homem e meio. Não há destruição aqui, mas a percepção de que o movimento do que está ao redor pode entrar em consonância com a eterna vastidão do espírito e da alma através de técnicas de meditação e respiração.

Os discursos eficientes elaboram várias explicações para tal destruição sistemática, porém quando ocorrem catástrofes em todo globo, observa-se a manifestação de uma natureza devassada, destituída de sua essência. Eis o recado mandado pela mesma periodicamente.

O filósofo alemão Friedrich Nietzsche apreciava as tempestades imprevistas. Encantava-o a força das águas que calava as ruas recuperando o que elas têm de melhor, a sua infinidade mal percebida durante o dia em virtude da frenética circulação de habitantes que se assemelha a de um formigueiro.

Para um observador arguto a chuva, a tempestade e os raios e trovões mostram a infinidade das ruas e avenidas, desvelam o não visto por olhares anestesiados, apontam para outra noção espacial projetada na alma que assim é capaz de criar a imagem de algo para além da mera coisificação sugerida por este catalisador de sensações.

O ato de olhar para aquele vazio, para os postes de luz, para as casas com luzes acesas e portas e janelas fechadas, percebendo que a tempestade obriga os habitantes a se proteger e, até em alguns casos, a refletir sobre si mesmos, independentemente de onde estejam, constitui experiência estética invejável junto aos

João Ayres

João Ayres

elementos da natureza.

Caberia aqui a recorrência aos quadros de Van Gogh, expressionistas por excelência, e que carregam esta força avassaladora de tudo que nos circunda e que ali pulsa como que se tivesse a se abrir para o mesmo que por sua vez percebe a intensidade destes movimentos cósmicos.

Os terremotos, os tufões, os furacões e os maremotos representam manifestações de desordem do sistema, uma mensagem deste universo, desta natureza que tem sido extremamente parcimoniosa com nossa espécie definitivamente menor.

Mesmo o discurso da sustentabilidade que sugere um aproveitamento de recursos deve levar em conta o fato de que, como aconteceu com outras civilizações, nossa hora chegará. Os telhados verdes, os chamados green roofs, sistemas hidráulicos naturais, reciclagem e placas solares representam avanços no sentido de prolongar nossa vida neste planeta. O custo envolvido neste processo ainda mantém este discurso bastante distante da maioria da população mundial. Deve-se questionar a quem interessa tal coisa, quem lucra com isso e a quem tal se destina atualmente. Deve-se ainda pensar em nível de globalização igualitária minimizando custos e garantindo aos cidadãos condições de vida decentes.

A nossa essência é, quer queiramos ou não, esta que aponta para o domínio de tudo que está ao nosso redor. Somos demasiadamente humanos neste sentido e matamos diariamente e deglutimos o resultado desta carnificina com roupagem de civilização nos níveis mentais, culturais e sociais.

Somos o resultado de processos de industrialização, de um maquinário alucinógeno que nos embota e nos obriga a violentar nossa alma e corpo.

Diz o livro segundo do Gênesis que o homem pode comer com liberdade de toda a árvore do jardim, mas que não deve jamais comer da árvore do conhecimento, pois se fizer tal coisa perecerá.

Partindo desta sábia afirmação, constato que o uso feito de todo conhecimento nas diversas áreas de saber e tecnologia nos levou ao estado crítico de hoje em dia.

A natureza nos observa e nos pune categoricamente vez por outra e quer me parecer que ainda não aprendemos a ser humildes e respeitar seus movimentos.

As premissas sobre as quais se apoia esta sintaxe absurda e rasteira, baseada no lucro e na produtividade, trazem danos irreversíveis para nossas existências ordinárias.

Louvo aqui as tentativas de um retorno a projetos artesanais que caminham na direção oposta à lógica do capital, mas que infelizmente são engolidas pelo mesmo com o correr do tempo.

As feiras artesanais com moeda de troca criada no local e ao ar livre, respeitando o ciclo da vida e com baixo ou nenhum tipo de poluição, surgem como propostas interessantes.

As reuniões caseiras nas quais as pessoas possam interagir pessoalmente umas com as outras sem uso de artifícios eletrônicos que agridam o meio ambiente, surgem também como propostas interessantes.

O ato de cozinhar sua própria comida, de realizar as refeições em companhia de familiares e amigos constitui ruptura singular em relação a esta lógica homicida que não suporta a desaceleração.

O meio ambiente plastificado de hoje em dia é mesmo este de ruídos e barulhos que são ouvidos mesmo quando nossos aparelhos, sejam eles quais forem, estão desligados. É este de se dormir ao som da televisão, de insônias e ansiedades em função da pressão sistemática anunciada pela ditadura digital. De não conseguir ler um livro, seja ele físico ou e-book, por mais de dez minutos sem sentir vontade de procurar algo na geladeira ou de dormir.

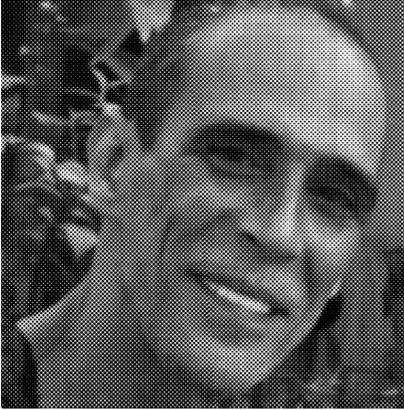
Entendo que temos que intervir neste processo para que as gerações futuras não se transformem em autômatos sem poder de

escolha e decisão.

Milhões de anos nos separam da explosão solar que vai acontecer e aniquilar com este planeta. As mensagens da natureza denotam os princípios no qual sua ira se baseia. Talvez tudo termine bem antes desta aproximação perigosíssima do sol. Temos aqui forças descomunais que incidem sobre todo e qualquer objeto, atestando a prevalência das mesmas sobre este sujeito terreno, menor e humanamente arrogante.

Somos literalmente testemunhas da criação de nossa verve apocalíptica.

Ao despertarem todas as manhãs lembrem-se sempre do fato de que esta mãe natureza nos observa impassível, silenciosa, lancinante e sagaz.



Marco Valença é poeta, compositor,
fotógrafo.

www.marcovalenca.com

CIMENTOS

minhas orelhas estão dilatando
como acontece em macacos
e em idosos humanos

ao contrário dos vastos tempos
meus pelos vão decrescendo
e mais se mostram meus ossos

não só emagrecimento
mas nós dos meus e dos vossos
vitais acontecimentos

meus pentelhos estão embranquecendo
como sucede com os morenos
e com caras pálidos

ao inverso dos tempos passados
meus futuros não se acumulam
menos matas e mais fenos

não só o pó dos momentos
mas mais a mó nos cimentos
do que pensei construir

marco.
18.01.2017.

LÍQUIDOS

penso em você entre lençóis
 freáticos
 e lanço o amor nas correntezas
 subterrâneas
 que vão aflorar
 em chafarizes, olhos d'água, lagos

assim como vejo você
 no abissal salgado
 nos ambientes dos seres luminosos
 e colho o amor dos aquáticos
 fogo fátuos
 que irão iluminar
 nossos desejos, gaguejos, afagos

marco.
 24.01.2017.



ARO

aroma
 amaro
 romã
 amora

 amor
 à
 mora
 ora

marco.
 03.03.2017.

ATÉ QUANDO

A roda d'água tira um um pouco do rio
 E a energia vai pra casa do cantor
 E ele ora ele ri e ele chora

E se alimenta e se aquece e namora
 Depois devolve com a voz o que tomou

E a roda d'água segue sempre repetindo
 E não retém aquela água que sugou
 E ela gira ela vem e ela volta
 E se compensa no que cata e no que entorna
 Sem medo ou culpa a roda e o rio são meu sou

marco.
 maio.2017



AMBIENTE

neste estertor de verão
 hoje
 com dias azuis e horizontes cinzentos
 o esplendor das acácias
 me rouba todo intento e tempo
 sem pensar nos criminosos
 que nos castram em seus governos
 agora
 vejo os cachos de saúde
 tenho os verdes e amarelos
 as flores em cataratas

e seus ramos em novos
espelham cores da pátria
de quem sou filho canhestro

que morram os mandatários
seus filhos, amantes, viúvas
sou mais derrames de acácias
que enxames de saúvas

neste clamor do verão
sempre
será dia de ser
será de hora de ventos
e o fulgor das acácias
assassina o que não contemplo

e miro esses infames
e aperto a ideia e o dedo
embora
vá se repetir a história
outros vis virão podar
acácias com seus crimes
cruéis, uma flor pelo avesso

marco.
24.01.2017.



Professora de Dança e Dançarina, Atriz. Já fez Projetos em Niterói como Projeto Escola com a Cia Teatral Atuando Actus. Poeta (Escritora) Antologias Um Brinde a Poesia 15 Anos e Poetas Raios de Sol

Diretora de Ações Culturais Movimento União Cultural Núcleo Niterói/Colunista Social (Jornalista)

Produtora Cultural Idealizadora de Vários Eventos em Niterói



A TERRA PEDE SOCORRO

Chuvas são Lágrimas Doces que caem do Céu.

Nuvens são véus Brancos e Esvoaçantes como Algodão e desenham no Céu formas para Alegregar nossos Olhos.

O Vento veste as Folhas de Movimentos Encantadores.

Folhas Molhadas com pequenas Gotículas das Lágrimas que Caem do Céu.

As Lágrimas Chuvosas caem na Terra.

São milhões de Almas que Choram pedindo Perdão.

São Lágrimas em forma de Oração. A Terra pede Socorro..

Brilha Sol para que renasça a Luz do dia.

Nos Encanta de Alegria.

Nos da sua Energia.

A Terra tem Salvação...

Autora: Jammy Said (Recanto Das Letras)

Mais uma Taça, Por Favor?

Bebi uma taça de vinho

Me embriaguei com o silêncio

Me perdi no vazio do horizonte

Escutei o sussurrar do vento.

Um brinde à imaginação

Um brinde à Emoção

Um Brinde à Paixão

Um brinde à Reflexão.

Virei a taça toda.

me serve mais uma, e mais uma...

Mais uma taça, por favor?

Meu olhar distante

Naquele instante sedenta, bebi com mais calma.

Meu coração acelerou, nenhuma palavra.

Me vi no espelho. Só me restou o silêncio.

Autora: Jammy Said-Recanto das Letras



José Antonio de Carvalho e Silva
 Químico Industrial
 Engenheiro Industrial – M. Sc.
 Psicólogo Clínico
 Escritor
 Conferencista



OS HOMENS DE VERDE

Estavam todos lá. Uma platéia de gala acorrera ao Teatro Maravilha para participar de uma noite inesquecível. A cidade precisava mesmo de promoções daquele tipo. A aridez de um dia a dia cada vez mais penoso e o temor a um futuro ameaçador atingira mesmo os mais privilegiados, que se entregavam então a escapismos de toda a sorte. E, certamente, a apresentação da magistral “Dança do Besouro Desvairado”, encenada pelos mais renomados dançarinos do balé mundial, serviria perfeitamente àquele propósito. A qualidade intrínseca da peça era, entretanto, irrelevante. O essencial era a ocasião que se ensejava a cada espectador, de sair de sua rotina, de sentir-se vivo e participante junto a tão ilustres e notórias companhias.

Na tribuna de honra, o senhor governador, sempre presente a esse tipo de espetáculos. Não porque os apreciasse, ou sequer tivesse a necessária sensibilidade para compreendê-los, mas, homem de rara indolência, detestava acima de tudo estar em seu escritório de trabalho, onde “nada havia para fazer”.

A melhor sociedade se fazia presente através de seus mais ilustres membros, os quais tinham bons motivos para estarem satisfeitos, quer porque realmente apreciassem a beleza do espetáculo, quer porque estivessem certos de que suas presenças estariam sendo devidamente notadas pelos colunistas sociais.

Também presentes estavam os representantes da classe dos executivos, como sempre cumprindo alguma obrigação profissional:

de guia turístico de algum outro executivo em suas eternas viagens a trabalho e que, de outra maneira, estariam inchando de álcool na solidão dos bares de seus hotéis, ou, *noblesse oblige*, comparecendo simplesmente por terem recebido ingressos de cortesia de algum cliente ou fornecedor. Mas os executivos, do espetáculo em si, nada podiam captar. Em sua deformação profissional limitavam-se a imaginar quantas pessoas estariam presentes e qual a renda total, para em seguida passar a uma estimativa dos custos e logo evoluir para considerações sobre a lucratividade de tais empreendimentos. Eram homens que calculavam.

No meio de todos estava João Penalho. Ir naquela noite ao teatro fôra um esforço que ele vinha prometendo a si mesmo já há algum tempo. Talvez lá, envolto pela música e embalado por tão sublime movimentação, Penalho encontrasse alguns momentos de enlevo. Entretanto, aquela não estava lhe saindo uma noite diferente das demais. Penalho não conseguia se abstrair de suas introspecções. Não conseguia simplesmente ser apenas sentidos, deixar fluir através de seu ser a beleza do momento como uma finalidade em si. Não. Em sua vida ele se violentara para ser racional. Procurava “entender” a mecânica do balé, o que fazia com que as pessoas se movimentassem daquela forma absurda diante de uma platéia igualmente absurda. Não podia entender, mas deveria haver uma lógica naquilo tudo.

Ah, se ao menos a música fôsse de Tchaikovsky! Com a música era tudo mais fácil. Penalho poderia fechar os olhos e absorver as notas, associando-as a momentos passados, que sempre lhe pareciam mais esplendorosos que o seu presente. Mas para isso seria preciso que a música lhe fôsse conhecida, que já tivessem juntos um passado. A partitura da “Dança do Besouro Desvairado” era, contudo, algo inteiramente novo, extravagante, e por isso Penalho continuava tentando entender que relação poderia haver entre todas aquelas pessoas que ali estavam na platéia e aquilo que se passava no palco.

Viu o governador. Sentiu-se mais reconfortado. Se o governador

estava ali, deveria haver algum sentido naquilo tudo. Penalho viu-se a si próprio. Um homem que se julgava predestinado ao sucesso literário. Em sua certeza mística de que sua redenção viria através da explosão de todas as idéias que de há muito trazia consigo, Penalho deixara de ser um homem com qualquer capacidade prática, exceto aquela, que não sabia até quando poderia preservá-la, de ganhar um razoável salário como tecnocrata de uma grande empresa.

Um sentimento de inutilidade se apossou de João. Não um sentimento da emergência de uma crise existencial. Não. Era o tecnocrata que estrebuchava, que subitamente começava a entender a raiz dos males crônicos que assolavam a economia dos países e das sociedades. Mas, era tão simples! Como é que ninguém havia ainda descoberto antes? Mas, não havia dúvida. A presença de toda aquela gente inútil, não produtiva, ali reunida o havia despertado para a verdade. Penalho lembrou-se imediatamente de seu emprego, da multidão de “cossacos” (uma aglutinação auto-explicativa de palavras por ele mesmo inventada) que giravam em seco nos escritórios, longe da natureza, longe das plantações, desenraizados, longe da produção de tudo aquilo que era realmente importante e que ficava cada dia mais escasso. Ocorreu-lhe que seus amigos mais íntimos eram tecnocratas, que “promoviam a utilização racional dos fatores produtivos”, mas que, na realidade, estavam completamente alienados da produção das coisas simples e realmente essenciais da vida, dedicados a fomentar o consumo de toda a sorte de quinquilharias cada vez mais descartáveis, num frenesi que já levava o planeta à exaustão. Eram sanguessugas! Da sociedade, da Terra, da vida.

Mas Penalho logo se conscientizou de que já era tarde demais para que qualquer coisa pudesse ser feita, e que todos estavam inexoravelmente contagiados pela vertigem do consumo imposto pela civilização. Ele próprio, na verdade um homem sensível e apreciador da natureza, por mais que contemplasse a idéia, não estava sinceramente disposto a abandonar uma posição tão duramente conquistada e partir para uma vida simples no

campo, longe do imenso e avassalador supérfluo que o asfixiava. Sua vida era a escolha que fizera, e da qual não conseguiria se desatrelar. Ademais, já se tornara um ser inútil, incapaz de obter da terra qualquer espécie de sustento para si próprio. Sua atrofia para as coisas práticas era absoluta. João Penalho era apenas um tecnocrata.

Subitamente, alguma coisa chamou a atenção de Penalho de volta à realidade do Teatro Maravilha. O teatro não estava mais repleto. Embora o balé ainda não houvesse alcançado o seu clímax, ele notou que era menor a iluminação e que havia enormes e inexplicáveis claros na platéia. Julgou vislumbrar sombras difusas vagando entre as poltronas, frisas e camarotes. Sentiu uma enorme ansiedade, uma sensação de estar desprotegido, vulnerável.

Não viu quando aquelas mãos frias, delicadas e envolventes, tocaram o seu corpo e lhe tolheram os movimentos. A sensação de que algo lhe fôra introduzido em seus bolsos foi o último contato de Penalho com uma realidade que logo se desvanecia em meio à paralisação de seus sentidos.

Acordou onde tudo era verde. Plantações viçosas, vastíssimas, extendim-se até onde sua vista abrangia. Frutas, legumes e hortaliças de um frescor que ele jamais imaginara. Outras terras, ainda nuas, onde homens vestidos de verde, com a paciência da eternidade, aravam a terra de onde logo brotaria a natureza. Penalho levantou-se e, levando as mãos aos bolsos, retirou os pequenos pacotes das sementes que passariam a constituir a razão de sua vida e a expiação de sua inutilidade.

José Antonio de Carvalho e Silva



Edson Amaro é poeta. Publicou, pela editora Fragmentos, “Ouro Preto e Outras Viagens”.
E pela editora Buriti sua tradução
do romance “Valperga”,
de Mary Shelley.



MENSAGEM PSICOGRAFADA DO CORONEL MOREIRA CÉSAR,
HERÓI DA GUERRA DE CANUDOS, EM LOUVOR AOS
DEFENSORES DA ORDEM

Musa, canta a miopia geográfica da Polícia Militar,
Zelosa defensora da Lei e protetora dos cidadãos de bem.

Em 26 de dezembro de 2012,
Na Rua Félix Fagundes, na cidade de Avaré,
Um homem,
Lixeiro por profissão,
Foi abordado por um policial e levantou os braços,
Mas o valente defensor dos cidadãos de bem
Viu uma Bíblia em seu bolso,
Pensou que fosse uma arma
E o matou com um tiro no pescoço.

Se ele fosse um desembargador, isso não aconteceria,
 Pois, no Brasil, todos os desembargadores são católicos até prova
 em contrário,
 E católico não precisa andar com a Bíblia na rua
 Porque os textos sagrados são distribuídos na entrada da missa.

Em 30 de outubro de 2015,
 No bairro da Pavuna, no Rio de Janeiro,
 Dois rapazes andavam de moto
 E carregavam um macaco hidráulico.
 A polícia confundiu o instrumento com uma arma
 E matou os dois rapazes.
 Mas a polícia encontrou maconha em posse dos mortos.
 A presença da erva maldita junto às vítimas
 Deve ter provocado a distorção da luz ao redor delas
 Ou irritado as vistas dos justos homens da lei
 – Mesmo à distância, a erva do Diabo irrita os olhos de quem de-
 fende a ordem –
 O que levou a polícia a cometer esse erro –
 Mas o erro não teria acontecido se os pecadores não usassem ma-
 conha.
 No Jardim de Alá, ninguém usa maconha
 – Exceto quando tem Marcha da Maconha (Junta herege que só
 vendo!) –
 E por isso esses enganos não acontecem por lá.

No dia 30 de junho de 2016,

No Morro do Borel, também no Rio,

A polícia confundiu um saco de pipocas com um embrulho de drogas

E matou um adolescente.

No Leblon, isso não aconteceria

Porque os moradores do Leblon não comem pipoca.

Apesar da miopia que afeta tão seriamente os bravos defensores da paz,

Temos muito orgulho da Polícia Militar.

Mas gostaríamos que o Secretário de Segurança,

O Ministro da Saúde

E o cardeal-primaz do Brasil

Se reunissem

E chamassem oftalmologistas, geógrafos e teólogos

Para tentarem explicar o estranho fenômeno

Dessa miopia geográfica

Que só se manifesta nas áreas mais pobres de nossas cidades.

É até estranho que eles consigam dirigir viaturas nessas áreas

Sem problemas de visão.

Mas quando chegam à Vieira Souto,

Aos Jardins Paulistas,

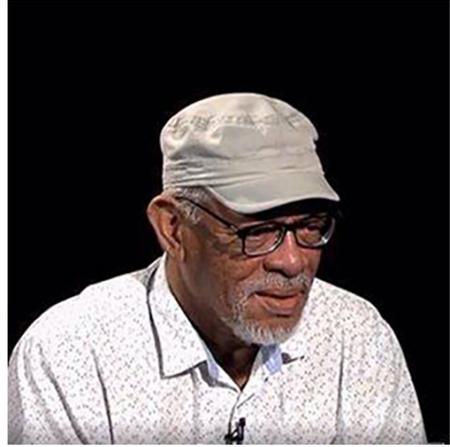
Ah, cientistas descrentes!,

Nessas áreas abençoadas de nossas metrópoles,

O Espírito Santo desce e cura seus olhos de todas as imperfeições.
Vê lá se um morador do Jardim Guedala
Ou da Avenida Nossa Senhora de Copacabana
Vai temer a aproximação desses anjos fardados?
Não vimos recentemente,
Nas patrióticas passeatas contra a presidenta comunista,
Os sorridentes manifestantes tirando fotos
Ao lado dos gentis policiais?
Por que os favelados não sabem confraternizar assim
Com os agentes da segurança pública?
(03 de julho de 2016)

Edson Amaro

Músico e pesquisador e escritor, estudou teoria musical em curso dirigido pelo Maestro Guerra Peixe. Projetista de Arquitetura formado pelo Senai, Escritor, Artesão e Arte educador.



2185- O ano inesquecível

(Agora é mesmo tarde. Não precisamos mais de Jules Verne, Isaac Asimov ou Arthur C. Clark para prever o nosso inevitável futuro. Acabo de receber, por meios que, honestamente, desconheço, uma mensagem alarmante, vinda do futuro. Veio de alguém que presumo ser meu descendente. Não posso me furtar a responsabilidade de partilhar esta mensagem com vocês. Chamei-a de O Diário de ‘O Turvo’)

Dizia ele:

“O Airtrain passou pela minha janela agora, fazendo a vidraça trepidar levemente, num frêmito. Aquela mancha súbita, incômoda, era pior ainda à noite, quando a luz do letreiro da boate em frente tremeluzia, trôpego, me assustando como um fantasma fugidio.

Bobagem ainda acreditar em fantasmas a esta altura da vida, mas, fazer o que? Sou do tempo do crack tecnológico de 2098, a época em que o mundo parou por quase 3 anos, travado pela crise provocada pelo esgotamento súbito das reservas de biocombustíveis, que culminou com a desertificação parcial das terras do sul do pla-

neta, levadas à beira da esterilidade total pela monocultura energética, e pelos efeitos catastróficos da Grande Enchente, no Norte.

Evento há muito tempo esperado, como resultado irremediável do aquecimento global, esta inundação catastrófica só ocorreu mesmo, subitamente, no ano novo de 2095.

A maior entre todas as tragédias da humanidade, na qual milhões de pessoas desapareceram, a Grande Enchente foi como se retornássemos ao dilúvio bíblico. Ao fim do processo, o refluxo das águas, incompleto, formou no centro da Europa, uma região aprazível, denominada Grandes lagos do Norte, onde os milionários do mundo e as grandes instituições que governam o planeta se fixaram. Tornada, no entanto a última opção de combustível abundante, capaz de dar vazão a grande demanda de consumo energético do modo nababesco de vida dos povos do Norte, a água dos Grandes Lagos, logo secou.

Ao Downtime, como ficou conhecido o apagão energético do mundo, se seguiu então a chamada Guerra da Água, conflito ocorrido nas Américas, com milhares de mortos e envolvendo os Estados Unidos e o México (associados às potências europeias), contra os aliados Brasil, Venezuela, Colômbia e Bolívia, pela posse da bacia hidrográfica do Amazonas. A Guerra da Água foi de um barbarismo sem precedentes. Nela, pela primeira vez na história, foram usados combatentes zumbis, soldados induzidos a lutar até morte, com as mentes controladas por computadores.

Derrotadas, as nações do Sul passaram a ser obrigadas a comprar a sua própria água que, desviada pelo Aqueduto internacional para as terras do Norte, é vendida hoje em tonéis, cujo preço exorbitante torna o abastecimento de água para as populações dos desertos do Sul, um problema dramático.

A Guerra e o Downtime tiveram, contudo, alguns poucos resultados benéficos. Um deles foi a volta de muitas de nossas crenças mais primitivas, hábitos culturais antigos – tais como este, de acreditar em fantasmas, em Deus ou mesmo na redenção do ser humano, esta coisa patética em que nos transformamos.

Este incômodo com a mancha instantânea do Airtrain só me ocorre assim, nas noites de insônia. Quando mergulho nestes tristes e melancólicos pensamentos de saudade dos velhos e bons tempos que se foram, para sempre. Ah, quanto não daria para ter um copo de leite morno nestas horas. Deus do céu, entre todas, esta é uma das maiores e mais insuportáveis provações.

Não existe mais leite na Terra. As vacas há muito se foram deste mundo. Meu bisneto viu uma delas num holograma do VirtualZoo de sua escola. Teve pesadelos durante três dias. Disse que foi do nojo que sentiu, ao ver que as pessoas bebiam aquele líquido infecto, que saía das entranhas de um animal tão gordo e asqueroso.

Ah, uma gota, um sorvo só que fosse, deste líquido precioso e abençoado, que não provo há mais de quarenta anos. Acho que, como um elixir da juventude, este sorvo me remoçaria.

Parece mesmo loucura lembrar como as coisas eram antigamente. Quem poderia imaginar que não criaríamos mais animais para matar a nossa fome? Quem suspeitaria, há 100 anos que fosse, que esta história de cadeia alimentar seria, um dia, apenas mais uma das remotas lembranças de nosso passado biológico? E que, mesmo assim, o tardio da decisão de preservar a vida animal na Terra, nos tivesse privado da maioria das espécies que havia? Estas milhares de coisas exóticas que vemos agora nestes tristes e melancólicos hologramas dos VirtualZoo escolares.

Sim. Estamos quase sós no planeta, nossa velha natureza é agora mais pobre e medíocre do que jamais foi. Com força de vontade, se poderia enumerar, no máximo, umas seis espécies de animais ainda não extintas, e isto, contando conosco, é claro. Não é preciso nem pensar muito: Sobreviveram os Cães, os Pombos, os Corvos, os Ratos e as Baratas.

Vi na Hologram-Tv outro dia que há num certo canto remoto do Brasil, uma tribo que come os seus próprios cães e domestica seus ratos, segundo eles, os da tribo, excelentes farejadores de dejetos orgânicos, outro hábito cultural surgido na época do Downtime e praticado pelos endinheirados do Norte, pobres de espírito, que

pagam caríssimo pelo produto, cuja venda é controlada por um grande cartel de traficantes denominado ‘The Monopol’.

Os dejetos, conhecidos pelo estranho nome de Cocablood, distribuídos sob a forma líquida ou pastosa, são considerados uma iguaria afrodisíaca. Era de se esperar uma reação como esta diante do insípido hábito que adquirimos de ingerir pílulas. Asco. É por estas e outras que tenho desprezo profundo por estes tempos modernos. Principalmente por sua fauna.

Ontem saí de casa depois de seis meses de reclusão. A idade avançada reduziu bastante o meu apego pelos passeios, mesmo os noturnos. Não estou mais tão benevolente para aceitar ficar sendo observado, fotografado, quase tocado por estes inconvenientes jovens Seestrangers, que ficam postados em frente à minha janela; gente que nunca viu, assim de perto, um ser humano real, como éramos antes do Downtime. Definitivamente não me agrada ser este tipo de celebridade.

Na verdade sou mesmo quase um bicho raro. Como caminhamos para o ponto onde não existirão mais as antigas diferenças estéticas, bióticas entre as pessoas, o aspecto que os seres humanos mais novos (‘normais’ como já se diz, com certo desprezo pelos mais velhos) adquiriram, é tão diferente de mim, que sou conhecido aqui no meu bairro como ‘O Turvo’ (uma alusão ao tom pardo e baço da minha pele, bem diferente do tom claro e brilhante da pele dos mais jovens), sofrendo, todas as vezes que saio às ruas, os constrangimentos mais absurdos que se possa imaginar.

Meu bisneto tentou me convencer um dia destes a aceitar a proposta que um professor de sua escola lhe fez, para que eu, em troca de algum dinheiro – uma verdadeira fortuna, na verdade – posasse como modelo, para imagens holográficas a serem disponibilizadas aos alunos no VirtualZoo local.

– “Como as imagens da vaca?” – Indaguei, para que ele se lembrasse do que sentiu pelo bicho que dava leite e que tanta má impressão lhe causara. Ele não compreendeu a sutileza. Tive que rejeitar a ideia, veementemente, com argumentos bem mais diretos.

Não temo afirmar que a extinção total da diferença entre as raças, ocorrida em 2099, foi de um pragmatismo por demais cruel, (atributo que, infelizmente, se tornou corriqueiro entre nós). Determinados a abolir um componente de nossa humanidade, considerado então prejudicial à boa convivência entre os povos e as nações, os procedimentos científicos que iniciaram, ao fim de longo debate, a extinção das diferenças raciais foi, em quase cem anos, a decisão mais polêmica tomada pela Cúpula Planetária, instituição criada em substituição da ONU, um pouco antes do Downtime.

(Como se pode observar em qualquer VirtualBook, desmoralizada por um formidável esquema de corrupção, liderado por proeminentes membros do antigo Conselho de Segurança, envolvendo tráfico de armas e negociatas com mercenários, a ONU foi extinta em 2097).

Segundo os especialistas consultados, sociólogos e antropólogos em sua maioria, a diversidade étnica, entre outros inconvenientes (como a inevitabilidade do racismo, por exemplo) seria um recurso já totalmente ultrapassado, do tempo em que a humanidade, do ponto de vista de sua evolução biológica, apenas engatinhava.

O principal impulso a esta decisão, foram os avanços da engenharia genética no século 21, a partir da descoberta das células tronco, o que tornou viável a maravilhosa esperança – para eles – que será o ser humano homogeneizado, o Homem Mestiço, sem qualquer traço de diferenciação racial. Segundo a minha modesta e suspeita opinião, mais uma aberração, entre tantas, que o homem criou depois que passou a se julgar o Deus de si mesmo.

O processo, no entanto se prevê, poderá incorrer em diversos inconvenientes e muitas consequências indesejáveis, como, por exemplo, já ocorre com o crescente surgimento de movimentos que preconizam a expulsão de pessoas contrárias à homogeneização para os distantes desertos do Sul.

Chamadas pela imprensa de Racialistas, estes grupos contrários à homogeneização, foram criados por clérigos progressistas do Norte, que fundaram o Movimento Racialista da Humanidade (conhe-

cido como a última fronteira da religiosidade humana) que prega a manutenção da diversidade étnica e racial, afirmando que a homogeneização irá produzir uma praga genética pandêmica, que dizimará mais gente do que a Grande Enchente.

Logo após o Downtime, com a explosão dos movimentos migratórios para o Norte, à medida que boa parte do sul do planeta se desertificava, as pressões da Cúpula Planetária acabaram forçando ainda mais a expulsão em massa de racialistas para as áreas desérticas, onde já viviam as populações originais, largadas à própria sorte pelas potências do Norte.

Regredindo, com o decorrer dos anos, a um estágio de civilização primitivo, bem semelhante aos modos de vida dos humanos do início do século 21, a população destas terras do sul, atualmente são governadas pela irmandade dos clérigos racialistas e uma casta aristocrática de emigrados recentes, fugidos ou banidos do Norte, que pregam uma guerra violenta contra os povos do Norte.

As áreas desertificadas da Amazônia e do Sudeste asiático são os habitats mais característicos destes povos, entre os quais os Mulatos do Brasil e os PanChinos da Tailândia se destacam pela selvageria.

A maioria dos seres humanos, muito em breve, será 'Flex'. Não existirão os gêneros humanos, homem, mulher, tais quais os conhecíamos. Serei um dos poucos exemplares vivos dos homens convencionais, Protohetero, como a ciência já nos classifica hoje. Mais um constrangimento que me faz pretender, para mais breve ainda, a minha partida deste mundo.

Os 'Flex' não serão homens nem mulheres. A evolução dos seres humanos para o estado 'Flex' se tornou um imperativo, na medida em que o intercuro sexual, com fins de procriação, se tornou uma prática totalmente desnecessária entre os humanos. A formidável evolução científica nesta área, possibilitou a implantação definitiva da gestação por meio da inseminação artificial de células tronco, permitindo que qualquer indivíduo, homem ou mulher, passasse a

poder gerar e gestar filhos, naturalmente.

A revolucionária inovação, no entanto, não conseguiu abolir, absolutamente, o prazer que, desvinculado da necessidade de haver intercurso sexual, mesmo que simbólico, entre seres de gêneros diferentes, passou a ter exacerbados os seus aspectos mais primitivos, ancestrais, como vício mesmo, ou necessidade atávica cuja saciedade, apesar de transgredir regras sociais atualmente vigentes, precisa ser conseguida, irresistivelmente, a qualquer custo.

Foi assim que o sexo acabou se transformando em droga proibida, cuja comercialização assumiu proporções avassaladoras quando se descriminalizou a prática da pedofilia (outrora tolerada apenas quando praticada por ricos) para fins sexuais amplos, desde que normais e controlados.

A decisão, que causou grande polêmica entre a população, só foi tomada após um disputadíssimo referendo mundial. A vitória dos adeptos da Pedofilia Controlada, como não podia deixar de ser, provocou o surgimento de um mercado clandestino, dominado por traficantes e voltado para o atendimento a clientes viciados naquelas aberrações anteriormente toleradas, tais como a mutilação e/ou assassinato de crianças pra fins de canibalismo.

É comum aqui, por esta razão, a apreensão, quase diária, de comboios de Airtrains, carregados de jovens, meninos e meninas, criados nos desertos do Sul (principalmente no Brasil) exclusivamente, para alimentar este mercado abjeto do Norte.

Mais um Airtrain passou agora mas não me animei ainda em pegar um. A hora está chegando, mas o esforço mental para pegar um veículo destes, mesmo com o confortável procedimento da Teletransportation, é tão grande – ainda mais na minha idade – que quase desfaleço, só de pensar.

O fato é que morro em breve. Posso saber disto, assim, com tanta convicção, porque as mortes perderam a inevitabilidade natural que tinham antigamente e precisam ser programadas hoje em dia.

Como sempre foi com tudo na vida, vivem mais os que possuem dinheiro. Para os pobres a morte é líquida e certa.

Sempre achei este procedimento, chamado popularmente de Morte Legal, um total absurdo, mas, o departamento do governo que cuida do controle populacional já me comunicou: meu tempo se encerra daqui a três meses e exatamente às 16 horas do dia 5 de setembro de 2185 serei declarado oficialmente morto e terei que ser fisicamente apagado. Vivo ou morto, no entanto, 2185 será, com certeza, o meu ano inesquecível.

Por isto pegarei o Airtrain pela primeira e última vez ainda hoje. O processo é simples e indolor, posso garantir. Você mentaliza o seu desejo de embarcar no momento em que algum sinal da vinda do Airtrain se processa. Uma tremida da vidraça, o trepidar do assoalho, qualquer indício é o sinal. Assim que o veículo passa pela sua janela, o embarque é instantâneo. Num átimo você está dentro do veículo rumo ao destino que mentalizou.

Sem que os funcionários da LifeDelete saibam, partirei. Os traficantes de matéria são facilmente encontrados no interior do Airtrain. Eles me teletransportarão para as terras do sul sem problemas, a um custo bem em conta, se julgarmos a enorme alegria que terei. Estou decidido a passar meus últimos dias numa tribo do Brasil, minha origem genética, perto de pessoas iguais a mim. Morrer naturalmente, definhando, é o que eu desejo.

Chego até a sonhar com alguém que reze por mim aquelas velhas rezas do passado. Velas acesas, flores. Gurufim com tambores. Talvez um velho Samba na voz da Clementina de Jesus. Incelenças, ladainhas. Pontos de Jongo ou de Macumba. Velhos rituais ancestrais do tempo em que tínhamos ainda resquícios de humanidade.

A vidraça tremeu. Não sei por que, no meio dos pensamentos de embarque, surgiu o rosto dela, daquela que foi a minha última mulher, exatamente como estava no dia em que nos conhecemos. O vestido estampado, as pequenas flores de flamboyant no cabelo. Linda. Ah! Como é doce esta felicidade. Aos meus sonhos mais antigos, portanto, satisfeito e conformado eu vou.”

Spírito Santo

em algum momento de 2008 (ou seria 2007?)



Adriana Mayrinck, 46 anos.

Produtora cultural, fez faculdade de artes plásticas em Recife na UFPE, e jornalismo na Faculdade da Cidade, no Rio de Janeiro. Pai pernambucano e mãe carioca, dividida entre as duas cidades desde que nasceu, fez do destino uma ponte para fortalecer e fomentar a cultura e a arte.

Na poesia, transborda com sensibilidade o olhar para o lado de dentro, do ser, mulher, com suas inquietações, calma e ardências.



Liberta

Era uma necessidade absurda de sorver cada minuto, intensamente.

Era Ser, livre.

Rompia as correntes de si mesma.

O tempo do exílio na obscuridade do outro
ofuscara seu olhar para o mundo.

Vivia irrealidades.

Insistia na dor de ficar, tinha medo da dor de ir,
e permanecia na dor calada do existir.

Fazia-se pertencer ao que era inexistente.

Não mais ousava vestir-se de flores e dançar na madrugada.

A inércia era o conforto das horas vazias.

Olhava tristemente para o que restara de seu coração pulsante
e os estilhaços perdidos pelo caminho.

Havia uma palidez no olhar, na vida...os dias arrastavam-se.

A alma rasgada, debatia-se, sangrava. Inconformada em permanecer.

Ela olhava entontecida, em fragmentos para o que restara de seus desejos.

Condenou-se a viver na sombria inquietação.

Não conseguia libertar-se, tropeçava em seus passos.

Gritou, debateu-se e era absorvida pela agonia.

Esgotou-se.

Um dia silenciou, cansou, esperou.

Adormeceu de exaustão.

Tempos infinitos.

Haviam pássaros acarinhando seus cabelos.

Traziam-lhe flores, perfumava-se.

Amanheceu diferente, mais leve.

Olhou para trás e nada fazia sentido, imagens distorcidas, desapareciam.

Guardava em si, essências.

Mergulhou no sol.

Liberta.

Adriana Mayrinck



Errante

Errante a procura do reflexo no espelho.

Incansável.

Atravessou desertos, mares, precipícios, florestas, jardins.

Buscava paisagens.

O encontro.

O olhar que percebe sem palavras.

Aquele-há milênios.

Miragem.

Voo sem limites. Ultrapassou o sentido do existir.

Não reconhece palavras. O poeta

jamais escreve o que sente?

Pessoa, Camões, Neruda, e todos, mentem?

Não.

Eles são.

Alma exposta.

Coração na mão.

Feito ela.

A sangue, ferro, fogo, vento.

Contradição.

Amor e dor.

Permanecem.

No sem fim.

Caminha sob o mar.

Mergulha nos vales.

Embriaga-se de poesia.

Desnuda-se.

Olha além do horizonte.

Veste fantasia.

E segue.

Por desertos, mares, precipícios, florestas, jardins

Adriana Mayrinck



Im-permanências

E saio das impermanências, da sombra do existir.

Me colocava ali, na segurança das minhas inquietações. Estava.

Você surgiu desmoronando meus ventos, desconstruiu minha areia movediça. Empurrou-me para o concreto. Choque!

Debato-me em contradições. Eu não consigo permanecer em pé.

Estendeu a sua mão, e quanto mais eu a apertava, mas tornava-se escorregadia. Você quer concretude, certezas, mas não percebe minhas sutilezas, meus reflexos. Tenho alma andarilha, e minha essência é ser mulher.

Sonhos tenho muitos, re-sonhados para você.

Espinhos também, mas prometo podá-los, se você aprender a acarinhar minhas pétalas. Cheiro a maresia, pois o ir e vir permaneceram em mim por milênios.

Mas posso passar essência de eucalipto, cravo, alecrim, canela.

Permanecer.

Olha para mim, de novo, esquece palavras antigas.

Olha-me com doçura e ternura, talvez ofusque-se no primeiro momento, é que também sei ser sol.

Dá-me a tua mão segura e firme, ajuda-me a ultrapassar abismos e fronteiras. Desfaça-se de seus conceitos e pensamentos, cante uma nova melodia.

Guia meus passos com delicadeza e entendimento, sou outro ser. Ficarei aqui. Ensina-me a pertencer, estar, permanecer, ficar.

Mas preciso fazer parte do seu refúgio, aquele que vive à margem de nós. Integra-me. Deixo minha tenda à beira do mar,

e sigo contigo, para tua casa de alvenaria,

peço apenas que tenha uma janela bem grande,

para nos meus momentos de fuga, que eu possa olhar para a lua.

Adriana Mayrinck



Daniel Lopes Guaccaluz é professor, filósofo e escritor. Publicou os livros Pianista Boxeador (contos), Fruta (romance), A delicadeza dos hipopótamos (romance) e No céu com diamantes (romance). Edita o blogue Pianista Boxeador.

E-mail danielopes26@yahoo.com.br



Quando os anjos fumam crack

Sou um cara muito suscetível, reconheço. E nunca sei distinguir fantasia e verdade, sonho e realidade. Por isso, espero que me ajudem a entender o que aconteceu ainda há pouco. Eu tinha acabado de deixar meu filho na escola e parei para tomar café e comer um pão na chapa, esses poucos luxos que ainda me permito. Pensava nos versos do Bob Marley: “good friends we have / oh good friends we’ve lost / along the way”, mas lia Drummond, sempre: “A injustiça não se resolve. / À sombra do mundo errado / murmuraste um protesto tímido. / Mas virão outros.” Na televisão, as mesmas notícias de sempre: corrupção, ganância, morte, violência... E meus filhos são tão pequenos! E há tantas crianças pelo mundo! A moça do caixa mudou de canal e foi aí, exatamente aí, que ela entrou: uma deusa em farrapos. Usava botas de salto alto, um casaco sujo, uma echarpe rosa choque. Havia ali uma preocupação estética, apesar. Entregou uma flor a uma enfermeira sonolenta que também tomava seu café. Cumprimentou o balconista e aí me viu. Pensei: lá vem! Só quero ficar quieto no meu canto... E, lá vem! Sentou-se numa cadeira vazia à minha frente e foi então que seu rosto apareceu: dentes amarelados, pele morena

e olhos verdes, mas tão verdes que lembraram a esperança e os grilos que a simbolizam.

- Não fique triste, moço, você tem uns olhos de quem está sempre triste, mesmo quando faz os outros darem risada. – Tocou meu braço e senti a corrente elétrica. - O mundo é pesado, mas Deus sabe de todas as coisas.

Solucei. Engoli o choro. As preocupações e dores se foram como num passe de mágica, como dentro de um milagre, como se tivesse tomado meu diazepam 5 mg.

- Posso pedir um pão?

- Claro.

Pedi pão seco. Não quis margarina, nem nada. Antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa, desapareceu. Tomo café, nesta mesma padaria, todos os dias e nunca a vi por ali, nunca.

- Uma moça tão bonita, tão boa, mas fuma crack – disse o copa, piscando o olho.

Apesar do alívio que o toque da moça me causara, fiquei pensando: o que acontece com a Terra quando os anjos fumam crack?

Daniel Lopes Guaccaluz



Márcia Barbieri é paulista, formada em Letras e mestre em Filosofia. Tem textos publicados em várias antologias e nas principais revistas literárias brasileiras. É uma das idealizadoras do *Coletivo Púcaro* e do canal *Pílulas contemporâneas*. Publicou os livros de contos *Anéis de Saturno* e *As mãos mirradas de Deus* e os romances *Mosaico de rancores* (no Brasil pela Ed. Terracota e na Alemanha pela Ed. Clandestino Publikationen), *A Puta* e *O enterro do lobo branco* (Ed. Patuá).



Quando os maracujás florirem

Por Márcia Barbieri

Meu caro, não, meu querido, não, meu esposo, não, meu companheiro, não, melhor poupar designações, tudo que nomeio me compromete e não diz nada, talvez por isso as letras me interessem tanto, sim, pela sua incrível ineficácia. Melhor eu começar assim, escrevendo assim, do início, sem remetente, uma carta nunca deve ser lida por apenas um leitor, uma carta tem segredos que dizem respeito a quase todos, pequenas banalidades e deslizes que muitos cometem. Também não colocarei data, as coisas foram acontecendo assim, ao longo de tantos anos que colocar um número exato daria uma impressão errada dos acontecimentos e parecerá que um dia preciso nos desentendemos e resolvemos desembaraçar e você sabe, não foi bem assim, as tragédias acontecem um pouco a cada dia. Primeiro um hematoma perto da virilha, um tombo pequeno, uma ralada no joelho, depois uma queda e um braço quebrado, depois uma escada e uma fratura exposta, depois as varizes que estouram de repente e inundam a sala de um sangue vermelho e grosso. Não, também não foi assim, acho que primeiro foram os cachos, as uvas em cima da fruteira, sim, aquelas brilhantes, feita de plástico. Não sei bem, nunca fui

{Márcia Barbieri

muito ligada a métodos e números cardinais. Não, foi ainda antes disso, desde muito cedo me apaixonei pelas parreiras e nem sei ao certo porque elas me causavam tal encanto, eu poderia passar tardes inteiras olhando os caminhos que seus ramos percorriam e ao anoitecer já não me recordava das trilhas e era necessário pela manhã recomençar meu trabalho de catalogação. O primeiro ramo a nascer se estendia em direção ao telhado se furtando do compromisso de seguir o estaleiro-quadrilátero que compomos quando trouxemos as minúsculas mudas. Essas mudas não irão pra frente, veja estão tão fraquinhas, se eu fosse você eu plantaria maracujás, você já viu como são bonitas as flores do maracujá? Ou quem sabe aquelas margaridas miudinhas, eles dão em qualquer lugar. Sim, eu compreendia e sim ele não era eu, de forma que se fosse, ele jamais plantaria maracujás e se ele fosse eu ele saberia perfeitamente que eu não suporto os maribondos que perseguem as florações e nem qualquer outro tipo de inseto voador. Não, ele não era eu, caso fosse saberia que minha infância inteira eu vi os maracujás penderem da cerca que separava minha casa da casa vizinha. Se ele fosse eu ele saberia que não suportava lembrar a brutalidade que minha mãe arrancava os frutos ainda verdes do pé para que a mulher da casa ao lado não tocasse suas mãos sujas no fruto. Se ele fosse eu ele saberia que a única moça que eu amei na vida morava na casa ao lado, sim ele saberia e sim ele não me chamaria de lésbica quando conto essa história, não diria que no tempo dele mulheres que amavam mulheres morriam solteiras, não ele não diria, ele não diria que no bairro, ele e seus amigos comiam mulheres que gostavam de mulheres. Sim, ele saberia que as mulheres se camuflam de homens muito melhores que os homens. Ah, se ele fosse eu ele saberia perfeitamente que eu não me empenharia em cuidar de flores miúdas que dão em qualquer matagal, que eu não me abaixaria, não tocaria minha bunda na terra e não tiraria os capins que cobrem as flores pequenas e se ele fosse eu ele saberia que eu só cuidaria em vida das parreiras, só delas e de mais ninguém... Mas sim, ele nem passava perto do que eu era e nas raras vezes em que pedi para que ele se colocasse no meu lugar, ele se levantava do sofá e dizia que não ligava a mínima, e de baboseira e pontos de vista e referência já bastavam

as aulas de geografia e que elas tinham ficado para trás faz tempo, se eu quisesse mesmo que ele se colocasse no meu lugar que lhe arranjasse uma buceta, só assim saberia ser mulher e pensar com a futilidade de uma mulher. Falava e espirrava pequenos jatos de água com a boca. Então, eu tinha certeza, ele jamais seria capaz de ter uma buceta e nessas horas eu tinha fé, Deus não teria colocado um buraco no meio das pernas dos homens, não mesmo, até mesmo o cu duvido que seja coisa de Deus. Passei muitas noites acordada pensando em uma maneira de me vingar, se tivéssemos filhos poderia levá-los para longe e proibir suas visitas, mas ele nunca quis ter filhos, dizia que a próxima geração era de pervertidos e ele não se arriscaria, podíamos ter gatos e cachorros e uma tartaruga, se quisesse ser mais exótica. Não, eu não era exótica, exceto as parreiras. Às vezes, durante a noite, eu escutava sua barriga fazer barulhos terríveis e então, pensava, ele podia ter uma úlcera incurável, no entanto, logo depois você arrotava alto e dizia, puxei minha mãe, tenho estomago de avestruz, eu desanimava com minhas pequenas vinganças invisíveis, não seria tão fácil te perder. Maquinava em minha cabeça diversas formas de machucá-lo, fazer com que não voltasse mais, enquanto isso, eu via cachos verdes em miniatura despencando da parreira, logo as uvas poderiam ser colhidas, no começo do ano talvez. Uma noite escrevi uma novela de duzentas páginas inspiradas em você, foi inútil, você dizia que detestava literatura, era tudo uma balela e que aquelas páginas só serviriam mesmo para limpar a bunda. Esquece, literatura não serve para nada mesmo, é como disse, as letras me interessam pela sua ineficácia. Agora não haveria erro, minha vingança não tinha como falhar, você não teria como escapar, você estava preso no estaleiro-quadrilátero que compomos. Esqueci de perguntar ao meu pai as pragas que atingem as parreiras, depois resolvo isso. Sim, o mais importante agora era a minha vingança. Sim, o estaleiro parecia forte, sim, você era bom com as construções. Cinquenta e dois quilos, sim, era um bom peso. Como fazia todas as tardes, coloquei a cadeira embaixo e fiquei admirando os ramos e agora também admirava o espetáculo dos primeiros frutos. Amarrei a corda, subi na cadeira e depois o chute. Ainda sinto o cheiro das flores de maracujá e o gosto do beijo de Estela e da surra e da briga

eterna entre meus pais e a vizinha-vadia-mãe-solteira que não sabia dar educação para filha, a filha que tinha gostos exóticos. Sim, você tinha razão, devíamos ter escolhido os maracujás ou as margaridas ordinárias. Não, não se preocupe, o capim não está tão alto, peça um pouco de mata-mato para meu irmão, vamos você deveria saber que os cachos demoram para crescer, sim, melhor eram as margaridas ordinárias.

Aesopos

foto: Marco Valença - Arte PS: paulo de carvalho



§ 13. — Se duas pessoas concordam entre si e unem as suas forças, terão mais poder conjuntamente e, conseqüentemente, um direito superior sobre a Natureza que cada uma delas não possui sozinha e, quanto mais numerosos forem os homens que tenham posto as suas forças em comum, mais direito terão eles todos.

[Espínosa, B. TRATADOPOLÍTICO]